



A VOZ FEMININA: CONSTITUIÇÃO DA LITERATURA PÓS-COLONIAL MOÇAMBICANA

Raquel Ferro da Cunha¹

Resumo

O artigo procurou explorar questões culturais, sociais e identitárias acerca do primeiro romance moçambicano de autoria feminina, *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. A voz feminina, considerada minoritária, foi decisiva para elencar as situações sociais e culturais a serem analisadas neste trabalho. Procuramos fazer um apanhado geral do que forma a personagem/narradora - Rami em *Niketche*, discorrendo sobre o que ela discute acerca da sua realidade e propondo reflexões a partir do seu ponto de vista. É por meio desta narradora que vamos debater as relações de poligamia, tradição, modernidade, sexualidade, costumes e liberdade feminina, e por fim, como tudo isso se mistura e constitui este primeiro romance.

Palavras-chave: Autoria feminina. Poligamia. Pós-colonialismo

1. Introdução

O que propõe este trabalho é refletir acerca da literatura em espaços pós-coloniais². Para tanto será analisado o primeiro romance moçambicano de autoria feminina *Niketche: uma história de poligamia*, escrito pela africana Paulina Chiziane³. A escolha desse romance justifica-se pela relevância da narrativa no contexto histórico, dada a situação da mulher africana que sempre foi impregnada de barreiras sócio-culturais.

O objetivo neste texto será discutir assuntos sociais, culturais e identitários, bem como as lutas e conflitos internos que a mulher carrega em *Niketche*, na tentativa de tentar traçar um panorama dos temas delineados na voz feminina africana, considerada minoritária, que se apresenta na forma de mulheres que buscam a si mesmas a partir da liberdade social, cultural e econômica.

¹ E-mail: raquelferro.bage@bol.com.br. Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras, 8º semestre, Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Este trabalho foi proposto na disciplina de Literaturas Lusófonas III, ministrada pela prof. Dr^a. Miriam Kelm.

² Inocência da Mata em seu texto "A Literatura Africana e a crítica pós-colonial: reconversões", recupera as palavras de Ella Shohai sobre o termo pós-coloniais: refere-se "as mulheres, as minorias sociológicas, os camponeses, os críticos dos sistemas políticos, enfim os marginalizados do processo de globalização econômica, geradoras de periferias culturais". (p.40)

³ Paulina Chiziane nasceu em Maputo, participou ativamente na cena política de Moçambique durante a guerra colonial, militando na Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), e mais tarde, em 1994 venceu as primeiras eleições multi-partidárias em Moçambique. Pouco tempo depois abandonou a política para dedicar-se à literatura.

O ponto de partida será uma breve explanação do por que se considera a mulher africana uma voz minoritária. Muitas questões acerca das atividades desempenhadas por mulheres eram justificadas pelas vivências tribais e seus costumes, não cabendo a elas questionar essas práticas, a exemplo temos a própria Paulina Chiziane, que faz menção a esse assunto na sua obra quando a narradora diz: “calar nossas angústias tornou-se a nossa batalha de cada dia.” (CHIZIANE, 2004, p. 13). Com a colonização as situações de submissão se agravaram, além da tentativa de homogeneização social e desestruturação quanto à formação das tribos e das famílias, houve a imposição dos costumes europeus, e segregação total das mulheres tanto no meio social como familiar.

A vida para essas mulheres africanas foi sempre de restrições quanto ao que lhes era oferecido. A elas, não era permitido participação à vida social e econômica do país, tampouco era consentido opinar nos assuntos da casa, já que no lar e na relação a dois era a voz masculina quem ditava as regras, restando a sujeição e o silenciamento, este acentuado durante o período colonial.

Raramente uma mulher conseguia completar seus estudos, quando já se encontrava em época de casar, normalmente aos 14/15 anos, deveria desistir de frequentar o colégio para dar dedicação exclusiva ao marido e aos filhos e, fora da escola, era praticamente impossível ter acesso ao conhecimento científico e textual. Laura Padilha ao tratar deste assunto, afirma que “o acesso ao texto verbal lhes era duas vezes barrado: por serem mulheres e africanas. Encher de palavras o silêncio histórico foi para elas uma árdua e difícil conquista” (PADILHA, 2002, p. 171), o que contribui no entendimento da recente produção artístico-literária em Moçambique.

Mulheres que sentiram e viram as injustiças e mazelas cometidas à um povo que luta até hoje pela sua terra, sua identidade e pelo direito a uma vida mais igualitária. Todas essas questões enunciadas anteriormente fazem parte da formação da mulher, tudo foi a base da constituição dos valores morais, sociais e culturais femininos, e que resistem ainda hoje. As mulheres mantiveram-se durante muitos anos caladas, sem espaços para nenhum tipo de manifestação textual ou verbal, e hoje têm a possibilidade de firmarem-se na literatura, contribuindo para reconstrução identitária e histórica do país. Ainda relacionado a isso, Inocência da Mata contribui quando diz que: “foi a literatura que “nos” informou sobre as sensibilidades discordantes, os eventos omitidos do discurso oficial” (MATA, 2007, p. 28), ou seja, é por meio do surgimento de textos produzidos por mulheres africanas que vamos delineando a visão de um mundo na perspectiva feminina, o que até então parecia idealizado.

2. Representação Cultural e Social na Construção do Discurso Feminino Moçambicano

O que vai caracterizar esta obra é a narrativa feita por uma moçambicana, que tomará para si a representação de outras mulheres deixadas durante muito tempo à margem da história, ainda que fossem presença viva nos acontecimentos. As mulheres eram silenciadas, e como tentativa de justificar essa prática, à elas era atribuída a falta de autonomia ou de conhecimento suficiente para narrar seu cotidiano e sua existência. Por fim, eram apontadas como incapazes de ter um olhar crítico e social para seu universo de convívio, sendo relegadas de suas próprias vidas.

Já sabendo da condição feminina do passado e contrapondo-a com as que temos hoje, é plausível nos perguntarmos que posições nos apresenta o romance de Paulina Chiziane acerca do universo feminino? Tentaremos apresentar algumas das questões que nos provocaram, a começar pela primeira situação do texto.

A narradora/personagem que vamos acompanhar no romance se dispõe a compartilhar conosco sua trajetória, dilemas e buscas. Percebemos que logo no começo da narrativa já se faz alusão aos acontecimentos dos últimos anos em Moçambique:

Um estrondo ouve-se do lado de lá. Uma bomba. Mina antipessoal. Deve ser a guerra a regressar outra vez. Penso em esconder-me. Em fugir. O estrondo espanta os pássaros que voam para a segurança das alturas. Não. Não deve ser o projétil de uma bala. [...] Sinto um tremor ligeiro dentro do peito e fico imóvel por uns instantes. (CHIZIANE, 2004, p. 9)

Ainda que o texto *Niketche* não tenha sido escrito no calor dos anos da guerra colonial, tampouco é um testemunho deste período, encontramos argumentos que nos levam a refletir sobre a experiência da guerra, ali depositada de maneira sutil. No trecho acima revivemos a memória dos dias de guerra que ainda permanecem em alerta, são dias que ainda não deixaram os moçambicanos, e que talvez nesta geração nem os deixe.

Há nessas primeiras linhas do romance, uma afirmação de que o cotidiano em Moçambique ainda não está totalmente reconstruído. As interferências da guerra e dos portugueses ainda estão presentes, estes últimos, apresentam-se sempre carregados de imposições focadas em um novo modo de vida para os africanos. Por fim, durante a colonização se misturaram ou separaram tribos acabando por mesclar a cultura nesses espaços, sob a égide da maneira de viver e concepções de sociedade européia.

Encontraremos nesta narrativa mulheres de todas as partes de Moçambique, mas conviveremos especialmente com duas concepções femininas diferentes à respeito da relação amorosa homem x mulher: uma, é proposta pelas mulheres do norte:

Homem quando vê mulher do norte perde a cabeça. Porque ela é linda. Porque sabe amar, sabe sorrir e sabe agradar [...] aprendi que os ritos de iniciação são uma instituição mais importante que todas as outras [...] cujos segredos não se divulgam nunca. Aprendi segredos profundos [...] de amor e de vida [...] entendo mais do que nunca por que é que os homens de

todos os quadrantes do mundo, que emigram para as terras do norte, nunca mais regressam a terra de origem. (CHIZIANE, 2004, pp. 37, 45 e 46).

A outra concepção amorosa, diz respeito aquela proposta pelas mulheres do sul, como vemos:

Vocês, do sul, não se preocupam com coisas importantes... Fazem amor à moda da Europa. Concentram toda a energia no beijo na boca, como se o tal beijo valesse alguma coisa. Dizem que pensamos apenas no sexo? Quantos homens do sul abandonaram os lares para sempre? Chamam-nos atrasadas. Vocês só têm livros na cabeça. Têm dinheiro e brilho. Mas não têm essência [...] A vossa vida a dois não tem encantos. (CHIZIANE, 2004, p. 179)

A autora se utiliza dessa diferenciação entre mulheres do norte e do sul como estratégia para mostrar a diversidade cultural e social presente em Moçambique, e por vezes, deixa claro ao longo do texto, como o período colonial influenciou nos valores morais femininos, bem como nas relações homem e mulher. A colonização terminou por deixar o homem mais convencido hierarquicamente da supremacia masculina frente a feminina, como mostra o exemplo que segue: “ - cala-te mulher. Desde quando tens categoria para falar com um doutor? Nunca te autorizei a falar com homem nenhum. Estas a comportar-te como uma prostituta”. (CHIZIANE, 2004, p. 60). Outro exemplo muito claro de interferência cultural a partir da colonização são os ritos de iniciação⁴, que sempre foram praticados livremente na região de Moçambique, mas por influência europeia perderam espaço no sul do país.

No romance Chiziane apresenta uma diversidade cultural profunda e por vezes até competitiva entre as mulheres do sul e do norte “as mulheres do sul acham que as do norte são umas frescas, umas falsas. As do norte acham que as do sul são umas frouxas, umas frias (CHIZIANE, 2004, p. 36)”. Existem momentos na narrativa que as diferenças ficam pontuadas, como a que segue:

No sul as mulheres são exiladas de seu próprio mundo, condenadas a morrer sem saber o que é amor e a vida [...] as mulheres são mais tristes, são mais escravas. Caminham de cabeça baixa [...]”. No norte, “[...] pintamo-nos, cuidamo-nos, enfeitamo-nos. Pisamos no chão com segurança [...] no norte ninguém escraviza ninguém, porque tanto homens como mulheres são filhos do mesmo Deus. (CHIZIANE, 2004, p. 175)

Enquanto a primeira é mais serviçal, calada, não pode se arrumar, tampouco veste roupas coloridas e não tem nenhum direito a voz, a segunda já tem direitos mais igualitários, preocupam-se com a aparência, ao mesmo tempo em que são orientadas sexualmente, sem obrigações de ficar casada com alguém quando a relação se torna ruim para uma das partes.

Assim como a cultura difere muito do norte para o sul, o mesmo ocorre com a poligamia. As práticas polígamicas também foram muito transformadas durante a

⁴ Os Ritos de iniciação fazem parte dos costumes dos povos africanos. É através dos ritos de iniciação que, depois da primeira menstruação, a mulher aprende as lições sobre a vida sexual, sobre a maternidade, higiene pessoal e sexual.

colonização. Nos lugares em que a Igreja Católica era mais atuante, a poligamia foi considerada imprópria, prática que infringia as leis de Deus e, por conseguinte, sem saber respeitar a cultura que o colonizador não conhecia (e sequer fez questão de conhecê-la), modificou a poligamia à sua maneira, como percebemos a seguir:

[...] conheço um povo com tradição poligâmica: o meu, do sul do meu país. Inspirado no papa, nos padres, e nos santos, disse não à poligamia. Cristianizou-se. Jurou deixar os costumes bárbaros de casar com muitas mulheres para tornar-se monógamo ou celibatário. Tinha o poder e renunciou. A prática mostrou que com uma só esposa não se faz grande patriarca. Por isso os homens deste povo hoje reclama o estatuto perdido e querem regressar as raízes. Praticam poligamia do tipo ilegal, informal, sem cumprir os devidos mandamentos. (CHIZIANE: 2004, p. 92)

Para os africanos existe todo um universo místico em torno da mulher, para esta há um mundo culturalmente rico das muitas maneiras de se viver, e principalmente, como veremos no texto, as múltiplas concepções femininas quanto à sexualidade:

[...] Os ritos de iniciação são como o batismo cristão. Sem batismo todo o ser humano é pagão. [...] No sul, homem que não lobola a sua mulher perde o direito à paternidade, não pode realizar o funeral da esposa nem dos filhos [...] Lobolo no sul, ritos de iniciação no norte. Instituições fortes, incorruptíveis. Resistiram ao colonialismo. Ao cristianismo e ao islamismo. Resistiram à tirania revolucionária. Resistirão sempre. Porque são a essência do povo, a alma do povo. Através delas há um povo que se afirma perante o mundo e mostra que quer viver do seu jeito. (CHIZIANE, 2004, p. 47)

A maior parte dos mistérios encontrados em Niketche esta cercado pelas questões de sexualidade. Na realidade, a grande maioria das questões que nos apresenta a narrativa, está sempre em ligação íntima com a sexualidade feminina, é através dela que homens e mulheres projetam suas vidas e dizem firmarem-se na sociedade, procurando já no pós-colonialismo reviver as tradições sexuais que foram suprimidas pelos colonizadores, que nem as conheciam, mas julgavam ser impuras.

A mulher traz à cena valores que a constituíram ao longo desses anos, não há como fugir deles, estão enraizados na feminilidade como mostra o trecho a seguir:

até na bíblia mulher não presta. Os santos, nas suas pregações antigas, dizem que a mulher nada vale, a mulher é um animal nutridor de maldade, fonte de todas as discussões, querelas e injustiças. É verdade. Se podemos ser trocadas, vendidas, encurraladas em haréns como gado, é porque não fazemos falta nenhuma. Mas se não fazemos falta nenhuma, por que é que Deus nos colocou no mundo? (CHIZIANE, 2004, p. 68)

O que faz a narradora chegar a esta conclusão são as constantes comprovações que sua vida não saiu como ela esperava, e toda a culpa, segundo o que diz a tradição, cabe somente a ela que, de uma maneira ou de outra, procedeu de forma incorreta. Não é que a mulher escolhesse tomar para si das responsabilidades e amarguras, a verdade é que “[...] culpam as mulheres por de todos os infortúnios [...]. Quando não chove, a culpa é delas. Quando há cheias, a culpa é delas [...]” (CHIZIANE, 2004, p. 36). Há muito já foi instituído que assim seria, que ficaria sob custódia da figura feminina os encargos mais da desgraça

do que da virtude, conclui-se então, que aí está o modelo constitucional da mulher africana. Durante muitos anos foi dado a ela o papel de culpabilidade em meio a tudo que é considerado errado, contrapondo à exaltação masculina, que se diz responsável pelas coisas boas. Percebemos que estão sempre presentes as fortes instituições culturais, que abarcam há muito tempo os papéis que condenam e salvam mutuamente quem lhes convém.

Existem conceitos ainda muito arraigados a modelos socialmente e culturalmente impostos, que é perceptível no momento que adentramos as concepções morais da personagem, e assim vamos descobrindo que há evoluções na maneira feminina de pensar e agir, mas ainda nos deparamos com o discurso ultrapassado, que serve para justificar os estereótipos os quais recaem os males do mundo, primeiro à criação da mulher e logo aos seus atos.

3. A Ascensão Feminina em *Niketche*: Vozes que Anunciam a Liberdade

No texto *Niketche*, percebemos a ascensão feminina à medida que a personagem principal - Rami - tece suas conclusões sobre o porquê as mulheres africanas ainda enfrentam tanta dificuldade. Neste momento ela nos apresenta o seu olhar crítico e os questionamentos acerca da sua realidade, começando sinalizar que está aprendendo a ser dona de sua vida e de suas vontades. É aí que nos deparamos com o crescimento social não só da Rami, como de todas as outras mulheres que enfrentam as mesmas situações sociais e principalmente econômicas.

Essa narradora/personagem, Rami, possui uma característica digna de ser mencionada. Em diversas vezes a personagem se vê em conflito com as situações desfavoráveis, sentindo o mundo desabar sobre si. Por outro lado existe uma força contrária que a motiva a seguir em frente, a acreditar nas melhores condições de vida e soluções para os seus problemas, é assim que ela busca espaço que possa lhe garantir autonomia econômica.

Como já foi mencionado, a forte influência tribal e a constante repressão colonialista deturparam a participação feminina, principalmente às questões ligadas à sua emancipação social e cultural, no entanto, forças opostas chamam as mulheres para conhecimento de si próprias e de suas chances enquanto multiplicadoras da nova ordem do discurso de liberdade feminina.

Anos depois do fim do colonialismo os povos africanos tentam restituir alguns dos velhos costumes, em que as tradições tribais entram em choque com a modernidade⁵. Este modelo é aqui adotado pelas mulheres quando estas percebem que há um mundo diferente

⁵ Para fins de esclarecimentos, o termo modernidade aqui faz referência à mudança de comportamento e pensamento e nova ordem de organização social e cultural.

fora das tradições, o que lhes permite ir mais além em pensamentos e atitudes, porém estas não se entregam totalmente às novas mudanças, deixando evidente a circulação ora pela tradição, ora pela modernidade.

A mulher que encontramos em *Niketche* não consegue mais fechar os olhos e atender pacificamente aos modelos sociais. Está enraizada na figura da narradora a luta interna constante, não lhe permitindo mais deixar de ser crítica, e acaba hesitando entre o que lhe diz a tradição e o que lhe parece o mais coerente diante da modernidade e da situação social emergente.

É por meio da narradora Rami, que seu esposo Tony se firma na sociedade moçambicana como marido poligâmico, já que ela o faz assumir as esposas e os filhos. É por meio dela que as seis mulheres amantes de seu marido deixam de ser somente um caso amoroso, e passam ao estatuto de família, em que lhes é garantido o sustento e um nome aos filhos de Tony, que ao final, somam dezessete.

Entendemos que na narrativa existe muito mais do que a representação de uma situação de poligamia, ali está presente a maneira como as barreiras sócio-culturais começam a ser ultrapassadas. No trecho a seguir entendemos que já existe uma conscientização por parte da narradora de que a dependência total das mulheres aos maridos deve ser superada, o que lhes pode garantir melhores condições de vida:

A situação destas concubinas é de longe pior que a minha. Sem proteção legal nem familiar. A casa onde moram são propriedades do senhor, é ele quem paga as rendas no fim de cada mês. Pode expulsá-las quando entender, arremessá-las à pobreza total sem ele morrer, não terão direito a nada [...] são apenas satélites da família principal. É preciso inverter a ordem das coisas. Mas como? (CHIZIANE, 2004, p. 105).

O que as mulheres esperam é poder decidir os rumos de suas próprias vidas, é deixar de ter uma existência projetada nas sombras masculinas e, mais adiante, vamos entender que a única maneira de obter essa liberdade é a firmar-se economicamente.

Esta certeza de ascensão feminina pode gerar muitos conflitos. Para o homem moçambicano é muito mais vantagem que a mulher esteja sob sua dependência econômica, pois até ai sabe-se que estarão submissas às suas determinações. Mesmo na sociedade poligâmica é o marido quem sustenta as esposas, portanto é dele o direito de decisão do que se pode ou não fazer, vejamos como exemplo o que diz Tony: “-Vocês são todas minhas, conquistei-vos. Comprei-vos com gado. Domestiquei-vos. Moldei-vos à medida dos meus desejos, não quero perder nenhuma [...]” (CHIZIANE, 2004, p. 270).

É só pela narradora que tanto ela como essas outras mulheres tomam o controle de seus destinos, entendendo que para sobrevivência financeira e até pessoal, não precisariam submeter-se às vontades de Tony. O rito de passagem da mulher submissa à independente se dá no momento exato em que a personagem Rami profere as seguintes palavras: “Aguentei com elas até que pude, até que lhes disse: Isto acontece porque não trabalham.

Em cada sol tem que mendigar uma migalha. Se cada uma de nós tivesse uma fonte de rendimento, um emprego, estaríamos livre dessa situação. É humilhante para uma mulher adulta pedir dinheiro para sal e carvão. (CHIZIANE, 2004, p. 117).

A partir deste momento é difícil esconder a vontade de se lançar a essas ideias, já não é possível calar os desejos e aspirações que condicionam a abertura e transgressão da mulher à sociedade, e que lhes daria o comando de suas vidas.

Depois deste episódio, as mulheres adquirem lugar na sociedade por meio do trabalho, firmam-se financeiramente e tão rapidamente como começaram o romance com o Tony, agora terminam. Cada esposa a partir desse momento já decide seu caminho, tornando-se impossível regressar e abrir mão desta autonomia.

É pelas constantes lutas internas que a Rami vai se libertando das amarras ligadas à condição feminina. Por todo o texto nos deparamos com os dilemas encarados pela narradora e o modo como ela trabalha essas questões dentro de si, uma batalha entre a necessidade de explorar as possibilidades que a sociedade lhe apresenta em contradição com a consciência moldada à modelo da tradição e colonialismo. São as reflexões e indagações feitas ao seu universo que despertam o olhar direcionado para independência.

É interessante retomar aqui as palavras de Bonnici: “a mais eficaz estratégia de descolonização feminina concentra-se no uso da linguagem e da experimentação linguística” (BONNICI, 2000: p.16), é por meio da escrita e principalmente do texto literário que existe a possível ruptura feminina com os padrões previamente estabelecidos, abrindo espaço que rompem os laços estreitos com o tribalismo e também com o colonialismo. Da parte feminina já é possível indagar quem são aquelas que formam a sociedade pós-colonial emergente e principalmente quem são essas mulheres que já não se calam diante do patriarcado.

4. Considerações Finais

Sem a pretensão de esgotar as possibilidades de análise deste primeiro romance moçambicano, perpassamos a obra na tentativa de mostrar os aspectos mais relevantes que compõe esta narrativa de autoria feminina, em que percebemos uma trajetória de crescimento que parte do íntimo feminino até ganhar espaços na sociedade.

O que Paulina Chiziane fez neste texto foi dar voz às mulheres moçambicanas, permitindo retratar a alma feminina e favorecendo nossa visão exemplar de como é longo e doloroso o processo de libertação da mulher.

Torna-se difícil a batalha feminina à medida que a modernidade e a tradição, duas forças poderosas que fazem parte do pós-colonialismo, entram em choque e por vezes moldam o novo estatuto da mulher africana. A ascensão feminina tem muita influência da

modernidade, é por meio dela que as mulheres vão entendendo novas formas de comportamento. Em *Niketche* temos esse olhar disposto a absorver tudo que lhes propõe a modernidade, em contradição a tudo que forma a tradição africana, o que pode gerar conflitos identitários para esses povos, refletindo diretamente na literatura.

No texto aqui analisado encontramos mulheres com distintas peculiaridades culturais, identitárias e sociais, mas com um aspecto em comum: a necessidade de assumir suas vidas a partir da tomada de consciência da realidade. Comprovam que, no momento em que foi dado à elas abertura à reflexão e às possibilidades de ascensão social, já era impossível voltar atrás e requerer a abdicação de toda a liberdade e independência conquistada.

As constantes e duplas relações homem/mulher, monogamia/poligamia, amor/traição tradição/modernidade formam a sociedade feminina de *Niketche*, trazendo à cena a necessidade de revisão dos estereótipos femininos, o que pode ser discutido através da abertura da literatura às mulheres.

Segundo BONNICI “o objetivo dos discursos pós-coloniais e do feminismo é a integração da mulher marginalizada à sociedade” (BONNICI, 2000, p. 16), ou seja, é dar lugar e voz às mulheres silenciadas, que recentemente puderam perceber o peso de sua fala, mas como vimos, esse despertar não é assim tão simples. Do lado feminino deve existir a luta constante para o reconhecimento nas esferas sociais, desconstruindo discursos e ganhando espaços na sociedade pós-colonial. O que exatamente comprova essa situação é a possibilidade de leitura do próprio romance aqui analisado, já que essa narrativa quebrou o ciclo de produções femininas que até então, estavam centradas somente na poesia.

Referências

- BONNICI, Thomas. O pós colonialismo e a literatura: estratégias de leitura. Maringá: EDUEM, 2000.
- HONWANA, Luis Bernardo. Literatura e o conceito de Africanidade. In CHAVES, Rita; MACÉDO Tânia (org.): Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006.
- CHIZIANE, Paulina. Niketche: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MATA, Inocência da. A Literatura Africana e a crítica pós-colonial: reconversões. Luanda: Editora Nzila, 2007.
- PADILHA, Laura Cavalcante. Novos Pactos, outras ficções: ensaios sobre literatura afro-luso-brasileira. Porto Alegre: EDIPURS, 2002.
- SECCO, Carmem Lucia Tindó. Moçambique: Alegorias em abril. In: A Magia das letras africanas: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos. 2ªed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.